

**Entrevista concedida por Renato Pirola ao pesquisador Célio Moacir dos Santos no dia 08/05/2023 (revisada pelo entrevistado)**

**Pesquisador:** Bom dia Sr. Renato fique à vontade para trazer as suas memórias sobre o CEUNES.

**Entrevistado:** Vou contar um pouco da história do nome CEUNES.

A história do nome (CEUNES). O nome Ceunes, primeiro aparece na UFES com um time de futebol que disputou a primeira divisão do campeonato capixaba.

Se chamava (CEUNES).

Isso na década de 70.

Inclusive, quando eu fui para Vitória em 1971, cheguei a ouvir falar sobre o time e tal.

Depois entrando na Universidade, como aluno.

**Pesquisador:** Quando foi a sua entrada na UFES? Quais suas lembranças sobre esse momento de sua história? Nomes de professores que o Sr. se lembra nessa época, etc.

**Entrevistado:** Eu fui para Vitória em 1971.

Ah, como aluno ingressei na UFES no segundo semestre de 1972.

Como professor eu ingressei na UFES, em 1º de março de 1978.

A professora mais antiga do curso de matemática lá em Vitória, a pessoa que fundou o curso de matemática lá em Vitória, é uma professora que marcou muito lá, principalmente as pessoas que tiveram a oportunidade de estudar com ela. A professora Myrtha Salloker Fayet.

A professora Myrtha é a fundadora do curso de matemática lá em Vitória.

Que ainda estava lá na Faculdade de Filosofia, lá no centro da cidade.

Aí depois é que as faculdades se juntam para formar a Universidade, essa coisa toda.

Então a fundadora do curso de matemática lá foi a professora Myrtha Salloker Fayet.

E junto com ela, logo depois, tem um outro professor também que é, bastante conhecido, que era o professor Árabe.

O professor Árabe.

O professor Árabe, deu aulas de cálculo durante muitos anos, inclusive para os cursos de engenharia.

Então o curso de matemática foi fundado pela professora Myrtha.

E logo depois o professor Árabe chegou e se juntou a ela.

Posteriormente vieram os professores que foram marcantes, assim como, o professor Nelson Luiz Piôto D'Ávila e o professor José Meriguete.

Trabalharam em dupla, inclusive, escrevendo um livro sobre matemática moderna.

E aí depois, vem a reforma universitária.

E com a reforma universitária, já no final dos anos 60 começa a construção do Campus de Goiabeiras.

Aí a UFES ganha uma nova formatação, porque chegam muitos professores de fora.

E aí talvez o professor que chega para o Departamento de Matemática que seja mais marcante, que tenha vindo de fora, tenha sido o professor Standard Silva.

Então isso é um breve histórico, certo, a respeito da matemática lá em Vitória.

É claro que outros professores também fizeram parte, como o professor Arnaldo Sossai, a professora Sueli, a professora Lígia, etc.

Lígia foi aluna de Myrtha.

A professora Lígia foi minha colega.

A gente se formou juntos, ela em Licenciatura e eu em Bacharelado em dezembro de 1977. Minha turma de bacharelado era formada por 03 (três) formandos.

Eu, a Luciana e uma outra colega.

Depois, eu e a Lígia continuamos estudando e fomos parar no Departamento de Matemática.

Exatamente.

Lígia é uma pessoa que eu tenho, um carinho, um respeito, uma admiração muito grande.

Aquilo que eu falei para você no início, eu queria que você entendesse com clareza isso.

Eu te atendi por causa da Lígia.

Porque, depois que me aposentei, eu raramente gosto de me manifestar sobre a UFES.

**Pesquisador:** Entendo professor e te agradeço imensamente por ter me recebido.

**Entrevistado:** Agora, Lígia é uma pessoa muito especial, uma profissional corretíssima.

Sempre foi.

Você é um felizardo em tê-la como orientadora e tenho certeza que seu trabalho ficará muito bom.

Claro que você vai ter que trabalhar bastante.

Isso mesmo.

**Pesquisador:** O Sr. poderia falar um pouco sobre o início do CEUNES? Como foi todo esse processo?

**Entrevistado:** Bom, aí, quer dizer...

O (CEUNES).

Então o primeiro nome do (CEUNES) foi de um time de futebol da UFES.

Um time de futebol.

O segundo nome do (CEUNES) aparece exatamente com o primeiro projeto de interiorização da UFES.

Esse que a gente começou aqui com a aula inaugural em 8 de março de 1981 (8 de março, dia internacional da Mulher).

A aula inaugural foi proferida pelo então Bispo de São Mateus Dom Aldo Gerna, que falou três horas sobre ética.

A gente se localizou aqui num prédio antigo, que pertenceu à Diocese.

Esse prédio era um prédio que foi vendido ao governo do Estado e ele estava desativado, porque o governo do Estado não fez nenhuma utilização dele.

E aí quando a gente veio aqui em São Mateus pela primeira vez, das possibilidades que nos foram apresentadas, a Universidade entendeu que esse prédio era o prédio mais adequado.

Porque ele tem, de fato, o aspecto de uma estrutura escolar.

Bom, enfim.

Quando a gente propôs o projeto, eu também participei da comissão que elaborou o projeto.

Essa comissão foi presidida por uma professora absolutamente extraordinária, pessoa a quem a gente deve reverenciar sempre.

Foi a professora Ana Bernardes da Silveira Rocha.

Professora Ana Bernardes, para você que é mais novo.

A Professora Ana Bernardes é uma pessoa que...

Trabalhou no Ministério da Educação durante muitos anos.

O que é hoje é o Conselho Nacional de Educação.

Antigamente tinha um outro nome.

Ela trabalhou no Conselho Nacional de Educação durante, acho que uns 20 anos.

E representou o Brasil em diferentes situações, em nível internacional.

É uma pessoa firme, professora lá do Centro de Educação, que também na época tinha um outro nome, era Centro Pedagógico.

E a professora Ana Bernardes, então, é que é a presidente da comissão que elabora esse projeto.

E a gente também era membro dessa comissão, que ajudou a elaborar o projeto.

De onde surgiu essa história de...

Ah, vamos colocar UFES lá...

No norte.

Como é que surgiu isso ?

Ela surge exatamente da Constituição de 88.

A Constituição de 88 tinha uma disposição transitória, que já não existe mais, obviamente, o nome tá dizendo, ela é transitória, que dizia o seguinte, "as universidades federais devem se interiorizar para as cidades de maior densidade populacional num período de 10 anos a partir da promulgação da Constituição".

Então, as universidades tinham 10 anos para fazer isso.

Esse dispositivo, então, chega ao conhecimento de alguns prefeitos aqui da região norte do Espírito Santo, notadamente o prefeito de Nova Venécia, senhor Walter De Prá, à época, que então provoca a Universidade no sentido de dizer o seguinte: olha, está escrito aqui que a Universidade federal deve se interiorizar, vocês vão ficar sentados aí?

Essa provocação, então, faz com que o reitor da época na UFES, o professor Rômulo Augusto Penina, tome a iniciativa.

E aí, por uma decisão pessoal dele, ele decide que essa interiorização ia ser no norte do Espírito Santo.

Ele toma a decisão de que a universidade deveria ir para o norte do Estado.

Essa foi a decisão dele.

Então, quando ele cria a comissão, ele já cria a comissão com essa definição.

Vocês vão elaborar um projeto de interiorização da universidade para o norte do Espírito Santo.

As convicções dele eram fundadas nas questões socioeconômicas e educacionais da região norte, que em contrapartida com a região sul, não tinha nem como comparar.

A comissão elabora o projeto é uma das atribuições da comissão era exatamente fazer a definição do local, tendo como referência a Constituição.

Cidade de maior densidade populacional.

Aí entra a professora Ana Bernardes, como presidente da comissão.

Uma educadora por excelência, fez isso a vida inteira dela.

Ela entende, então, o seguinte.

Quais são as cidades de maior densidade populacional no norte do Estado?

Pela ordem.

Linhares, Colatina e São Mateus.

Bom, aí qual foi o entendimento da professora Ana Bernardes e que a comissão concordou?

Que Linhares já tinha ensino superior.

Que Colatina já tinha ensino superior.

E São Mateus não tinha nada.

Além de que São Mateus seria um polo bastante atrativo aqui na região em função da malha viária.

E também porque foi feito um estudo populacional na época.

Nós fizemos um estudo populacional que começou na década de 90 com projeção até o ano 2010.

E esse estudo populacional, que foi um dos indicadores, mostrava que São Mateus seria uma das cidades de maior crescimento populacional do Estado.

E isso se configurou.

Porque, de fato, do Estado do Espírito Santo, acho que o primeiro foi Piúma, aquela região ali de Piúma e Guarapari.

E depois foi a São Mateus.

E outros indicadores profissionais.

Matrícula de alunos do ensino médio.

Formação de professores.

Tudo isso foi levado em consideração.

O fato é, então, que a professora sugeriu, em função desses indicadores, e a comissão concordou. E isso foi levado lá para o reitor, que concordou. Nesse sentido, então, o projeto é aprovado, não conforme ele foi proposto.

O projeto proposto pela comissão, era de que a universidade se instalasse aqui com um novo centro. Um centro universitário. Como parte da estrutura da universidade.

Na época, o conselho universitário, que é o conselho maior da universidade, decidiu aprovar o projeto, mas que fosse criado aqui não como um centro. Apenas como uma coordenação.

Então, a gente tinha proposto o nome CEUNES, como Centro Universitário Norte do Espírito Santo. Para a felicidade, terminou ficando na Coordenação Universitária Norte. Trocou o centro por coordenação no nome.

Bom, qual a diferença entre as duas coisas?

A diferença é muito grande. A diferença é muito grande, por quê?

Porque o centro é uma estrutura formal. Uma vez criado um centro universitário, você não tem como chegar no outro dia e cancelar. E a coordenação não. A coordenação era uma coisa mais provisória. Tanto é assim que, anos depois, a coordenação terminou praticamente sendo extinta. E ela só não foi totalmente extinta porque o único curso que permaneceu foi o de matemática.

O terceiro nome, só para completar a história, primeiro o time de futebol, depois o centro que virou coordenação e, por fim, o centro. Aí eu foi proposto que fosse chamado de (CEUNES). Aí ficou.

**Pesquisador:** É muito interessante esse movimento no processo de constituição desse campus. Teve um período também como Polun?

**Entrevistado:** Na verdade, aquilo foi só uma mudança de nomenclatura para facilitar um pouco o fechamento dos cursos que existiam aqui.

Porque nós chegamos a ter aqui os cursos de matemática, letras portugues, biologia, educação física, que originalmente era em Nova Venécia e... Pedagogia. Eram esses cinco cursos.

E aí, aconteceu... Esse fechamento dos cursos aqui, ele obedeceu, digamos assim, a duas motivações. Aí é meu ponto de vista.

Ele obedeceu a duas motivações principais. É que... Naquele momento, os professores que davam aula nesses cursos aqui, eles, na verdade, eram professores dos departamentos lá de Vitória. Eles se deslocavam para cá semanalmente. Eles vinham e voltavam. Então, parte da carga horária deles era realizada aqui.

Paralelamente a isso, no âmbito do governo federal, há um estrangulamento de vagas para concursos de professores. Uma política deliberada do governo federal. Hoje em dia, não é mais assim. Se há a vacância de alguém do quadro, aí se pode abrir automaticamente o concurso para aquela vaga.

Antes, não era assim. Antes, você tinha que fazer uma apuração das vagas a cada ano, mandar para o Ministério do Planejamento, o Ministério do Planejamento dava lá o parecer dele. Você pediu, sei lá... Foram originadas 50 vagas. Aí eles falam, não, você pode fazer para 10. Aí o Ministério da Educação faria uma portaria para você contratar 10.

Então, começou a haver um estrangulamento, está certo, de professores, para o campus de Goiabeiras e de Maruípe. E aí os centros fizeram o quê? Os centros fizeram o que normalmente se faz. Quando você tem uma corrente, ela arrebenta onde? No elo mais fraco. A gente precisa primeiro cuidar daqui, lá. E aí foram fechando. O curso de Pedagogia, o curso de Letras, o curso de Biologia e o curso de Educação Física. E o curso de Matemática não fechou porque o Departamento de Matemática, lá em Vitória, resolveu bancar. O Departamento de Matemática bancou. Falou, não, a gente não vai fechar. E por várias razões. Primeiro, porque havia uma motivação especial, é que os resultados do curso de Matemática aqui, eles falavam muito alto em relação à qualidade, está certo, das pessoas que aqui foram formadas. Inclusive, várias pessoas foram aproveitadas lá no Departamento de Matemática, lá em Vitória. As pessoas também saíram para fazer mestrado e doutorado fora, embora o curso fosse de licenciatura, as pessoas saíram para fazer mestrado e doutorado em Matemática, e se deram muito bem.

Então, o Departamento de Matemática entendeu que era um esforço que valia a pena. Por isso, o Departamento de Matemática ficou até o último suspiro. Bom, e o terceiro nome, CEUNES, então, vem, como eu te falei, com a criação do centro já no governo do presidente Lula, que aí é um outro projeto, uma outra história, e aí a gente propôs que a Universidade mantivesse o nome até para não se perder ao longo da história.

Em relação à implantação desses cursos, eu acho que além da professora Ana Bernardes, do professor Penina, reitor e do próprio Walter de Prá, que fez essa provocação, eu acho que tem um outro personagem aí que a gente precisa destacar com muita clareza.

Esse personagem era o bispo de São Mateus, Dom Aldo Gerna.

Por que esse personagem?

Porque quando o projeto estava pronto, a questão final para se decidir era a questão da localização, onde que ele ia ser localizado.

Aí começou uma briga danada dos prefeitos aqui da região.

Um queria que fosse em São Gabriel, o Walter de Prá, obviamente, queria que fosse no Nova Venécia, aí começou uma briga danada.

E Dom Aldo foi, digamos assim, a grande voz que na época chegou e falou o seguinte, olha, eu acho bom vocês pararem com esse lenga-lenga, botarem a mão para o céu e agradecerem que a gente tenha o projeto, seja onde for, seja em São Mateus, no Nova Venécia, vamos parar com essa confusão.

Então, Dom Aldo foi uma pessoa que foi importante desde o início por ser essa voz moderadora e respeitada, para que as coisas pudessem caminhar.

Então, ele disse o seguinte, olha, a universidade tem critérios técnicos, deixa a universidade decidir onde ela quer que o projeto seja situado.

Então, o professor Penina, o Walter de Prá, a professora Ana Bernardes e o nosso bispo, que hoje é bispo emérito, inclusive acabou de fazer 92 anos, Dom Aldo Gerna, todos foram importantes nesse processo.

Bom, aí foram implantados esses cursos.

E aí, como o Walter de Prá deu o pontapé inicial, cutucando lá a questão da Constituição, e o professor Penina sempre foi uma pessoa politicamente muito habilidosa.

Então, o que ele fez?

Colocou o curso de Educação Física lá em Nova Venécia e os outros aqui e vamos que vamos.

É claro que esse é um resumo, mas, grosso modo, a coisa aconteceu por aí.

O que eu posso falar para você desses cursos é o seguinte: o projeto apontava duas carências assim brutais para a região, que era exatamente a formação de professores e a área de saúde.

Com relação à área de saúde, embora a gente tenha aqui um dos grandes hospitais do Estado, o Roberto Silves, você não tinha pessoal paramédico com formação mínima...

Você não tinha técnico de enfermagem, auxiliar de enfermagem, enfermeiro suficientes para a demanda.

Era uma carência brutal.

Então, essa foi uma identificação feita pelo Projeto.

E a outra foi a formação de professores.

Para você ter uma ideia, a realidade educacional do norte do Estado, eu estou falando, então, do início da década de 90, a formação de professores só chegava a ser razoável até o terceiro ano do Primeiro Grau.

Olha bem, formação de professores até o terceiro ano do primeiro grau.

E aí, a universidade, então, entendeu o seguinte, que ela não tinha, naquele momento, pernas para atacar os dois problemas.

Ela decidiu, então, focar na formação de professores.

E aí, então, que vêm os cinco cursos, todos de licenciatura.

Agora, o mais interessante para mim desses cinco cursos foi exatamente a concepção com que eles foram feitos.

Embora eles fossem subordinados ao curso lá de Vitória, você tinha o curso de matemática aqui e o curso de matemática lá.

Então, você tinha lá a coordenação e aqui você tinha uma subcoordenação.

Essa subcoordenação estava subordinada à coordenação lá em Vitória.

Mas, na hora de elaborar o projeto, as grades curriculares também foram elaboradas pelo projeto.

Isso foi outro motivo de muitos embates e tal, mas terminou sendo aprovado assim.

Aí é que eu vejo mais uma vez a presença e a figura da professora Ana Bernardes da Silveira Rocha.

Por quê?

Porque ela concebeu um currículo em que todos esses cursos, todos, todos os cinco, tinham um eixo comum.

Esse eixo comum ela deu a denominação, ou resolveu chamar, e assim ficou no projeto, de eixo de cidadania.

Então, todos os cursos faziam esse percurso pelo eixo de cidadania.

Isso desde o primeiro período.

E aí, as disciplinas eram disciplinas de filosofia, psicologia, sociologia...

Disciplinas comuns ali...

Mas todos os cursos faziam exatamente as mesmas disciplinas, e os alunos de todos os cursos estavam juntos nessas disciplinas.

Então, matemática estava junto com biologia, letras portugues, e assim por diante.

Bom, isso foi um aspecto da coisa.

O outro aspecto dentro desse eixo de cidadania é o seguinte.

Por outras vias, o primeiro projeto de extensão da Universidade Federal do Espírito Santo via Centro de Artes foi algo que ficou conhecido como a Semana de Artes.

E ela começa a ser realizada exatamente aqui em São Mateus.

Isso no início da década de 70.

E aí foram realizadas várias Semanas de Artes aqui em São Mateus, e o objetivo principal era o tombamento do Sítio Histórico do Porto que tem aqui.

Uma vez conseguido esse tombamento do Sítio Histórico do Porto, pelo Departamento Estadual de Cultura, que hoje virou Secretaria Estadual de Cultura, não é?

Aí, o Centro de Artes entendeu que ele poderia continuar de forma itinerante em outros municípios, porque essa atividade foi uma atividade que deu bons resultados.

Então, a Semana de Artes se desloca para outros municípios como Santa Tereza por exemplo.

Mas ele começa aqui.

Então, dentro desse eixo cidadão, além dessas disciplinas comuns, formais, havia ainda, embora isso não estivesse especificado, digamos assim, na grade curricular, mas ficou, colocado no contexto geral de que o projeto deveria, voltar a realizar as Semanas de Artes dentro desse eixo cidadão.

Isso foi feito.

Então, as pessoas que se formaram aqui, independentemente da graduação que elas fizeram, seja pedagogia, seja matemática, seja biologia ou educação física, elas tiveram uma formação que impactou muito.

E essa formação, ela tinha esse aspecto bastante diferencial em relação aos de Vitória.

Talvez isso tenha sido o grande diferencial para as pessoas que se formaram aqui, em todos os cursos, essas pessoas saíram, estudaram fora, fizeram mestrado, doutorado, e vários professores hoje aqui no (CEUNES), são oriundos, dessa graduação inicial, lá atrás.

Fizeram mestrado, doutorado, nunca tiveram nenhum tipo de dificuldade para fazê-lo.

Ainda tem uma coisa também que embora não tenha escrito em lugar nenhum, mas até, não que ela tivesse pedido pra fazer isso, né?

Aí estou me referindo à professora Ana Bernardes da Silveira Rocha.

Mas não se concebia que qualquer professor lá da universidade viesse pra cá dar aula.

Mesmo que ele quisesse.

A ideia é que a pessoa precisava ter clareza do que era aquele projeto.

E se ela estava disposta, tá certo, a se engajar naquele projeto.

Por que isso?

Isso não significa uma atitude assim de força, nada disso não.

A questão aí é pedagógica mesmo.

Por quê?

A universidade é extremamente conservadora.

A universidade, com uma parte significativa, talvez até a maioria, mas não pôde combater, não queria que a universidade viesse pra cá.

A associação de docentes, por exemplo, na época, fez críticas em seu jornal.

Eu tenho esses jornais até hoje.

E aí, quando a gente falou que ia fazer os cursos aqui à noite, aí, rapaz, aí, que a coisa pegou...

Então, a universidade, extremamente conservadora, entendia que ia se fazer aqui uma coisa de má qualidade, que isso ia comprometer o nome da universidade por aí afora.

Então, exatamente pra gente poder equilibrar um pouco as coisas, a gente teve esse cuidado de que as pessoas que viessem pra cá, a gente pudesse minimamente ter um certo conhecimento da disponibilidade do profissional em relação ao projeto.

Se o cara viesse pra cá com a cabeça exclusiva que ele tinha lá, não ia dar certo.

Não ia dar certo.

E o resultado foi um resultado absolutamente fantástico.

No primeiro vestibular, nós tivemos quase mil candidatos, na época tinha vestibular, era diferente da situação de hoje, quase mil candidatos, e nos anos seguintes esse número só foi crescendo.

E a gente conseguiu formar muita gente.

Você pode chegar em qualquer município hoje aqui do norte do estado, qualquer município.

Difícilmente você vai encontrar um professor que não seja graduado.

E eu te asseguro que mais de 70 % são oriundos daqui.

E não só aqui no norte do Espírito Santo, mas também no sul da Bahia. E o sudeste de Minas.

Então, digamos assim, a professora Ana Bernardes foi uma visionária nesse sentido, porque ela lá atrás, enxergou tudo isso.

Ela enxergou isso.

**Pesquisador:** Como foi o seu início aqui no CEUNES? Quais disciplinas o senhor lecionou?

**Entrevistado:** No primeiro ano, além de coordenar a implantação do projeto, eu também lecionei as disciplinas de cálculo, álgebra linear.

Só no primeiro ano.

Que depois o acúmulo das funções, da própria função, requeria um tempo maior ...

Não tinha como, não dava para fisicamente estar em dois lugares pois eu precisava me deslocar constantemente entre Vitória, São Mateus e Nova Venécia.

E até mesmo nesse início, a questão de se conseguir professores para trabalhar aqui foi...

Nessa época não teve dificuldade, por uma razão simples..

Por que não teve dificuldade?

Nós estávamos passando do governo Collor para o governo Fernando Henrique Cardoso, que para os dois, o professor era vagabundo, não trabalhava.

E o Collor, inclusive, ameaçou, está certo, de demitir 20 % dos professores das universidades.

Então, pesava sobre as universidades.

Quando da elaboração do projeto, essa faca aí no pescoço de muita gente.

Então, tipo assim, ou vai fazer interiorização ou o emprego vai para o espaço.

Então, no primeiro momento, não houve dificuldade.

As dificuldades vieram depois.

Vieram depois por causa daquela história que eu falei com você.

E elas se agravaram ainda depois com o Fernando Henrique, logo depois.

Por quê?

Porque além daquela metodologia de você fazer a apuração das vagas no final do ano, mandar para o Ministério do Planejamento, ainda veio uma regra velada, embora não estivesse em lei, mas velada de 3 por 1.

Ou seja, a cada 3 vagas que você gerava, você só recebia uma de volta.

E isso foi uma das razões pelo definhamento.

Não foi só isso.

Mas essa foi uma das razões pelo definhamento dos cursos daqui.

Isso.

Foi bem complicado.

**Pesquisador:** O senhor participou também da nova implantação desse campus?

**Entrevistado:** E o centro aqui, o novo, a gente fez a implantação dele em 2006.

Em 2006, a gente ainda não tinha o campus.

Tinha só a área.

Mas o campus começou a ser construído do zero.

Aqui, não sei se você conhece, você sabe onde é a Faculdade Particular (FVC)?

A gente começou a funcionar em um dos prédios da FVC que foi alugado pela Prefeitura.

Então a gente ficou ali temporariamente.

E também lá no antigo prédio.

A gente ficou usando esses dois.

Enquanto isso, a gente construía lá.

Aí a gente mudou para lá no início de 2008.

Acho que uma nota digna de registro é que o projeto lá em cima teve dois momentos.

Por que o governo federal fez isso?

Ele fez o primeiro projeto, e aí a gente criou uma estrutura de graduação.

Enquanto esse primeiro se desenrolava, ele vem com o segundo.

Aí a gente aproveitou esse segundo momento para criar toda a infraestrutura de pós-graduação além das Licenciaturas.

É o único centro da universidade que nasce com quatro cursos de mestrado.

Aí eu brincava com o pessoal lá de Vitória, duas brincadeiras que eu fazia lá no Conselho Universitário.

É que a universidade tinha nove centros.

O nosso foi o décimo.

Aí eu dizia que não podia fazer nada.

A gente já nascera dez.

Eu dizia que o grande problema é que a corte (Vitória) não tinha sensibilidade para entender com clareza a provincial (São Mateus).

**Pesquisador:** Desde a implantação na década de 1990 o campus passou por muitas mudanças e o senhor acompanhou bem todo esse processo.

**Entrevistado:** Sim. Desde o primeiro momento. Houve muitas mudanças. Porque aqui, agora, no segundo momento, da primeira vez também, foi criada uma coordenação.

A coordenação inicialmente não tinha representação no conselho universitário.

Mas no final do primeiro ano de funcionamento aqui, conseguimos que os conselhos Superiores da UFES aprovassem uma representação da Coordenação no Conselho

Universitário e outra no Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão que com o definhamento dos cursos acabou perecendo.

O Polo foi criado com o intuito de separar as responsabilidades, retirar o coordenador Geral do Conselho Universitário e do Coordenador de Ensino do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão.

No entanto, o Polo existiu por pouco tempo. Infelizmente, não consigo te dizer exatamente quanto tempo durou, pois a pessoa que poderia responder a essa pergunta faleceu. Ela era uma servidora da universidade chamada Maria Lúcia Gomes Ferreira. Ela era originalmente servidora do Centro de Artes, mas transferiu-se para cá quando a Coordenação foi criada. Maria Lúcia gerenciou o Polo, mas infelizmente faleceu no início deste ano.

Essas informações estão disponíveis nos documentos da universidade. Posso te mostrar um documento que temos aqui posteriormente, onde consta o nome dela.

Foi realmente uma história de luta, uma luta coletiva. Quando a universidade aprovou a criação do centro que se tornou a coordenação, foi realizada uma mini feira dos municípios da Região Norte aqui em São Mateus para arrecadar dinheiro, e as barracas eram comandadas pelas secretarias municipais de educação. A mobilização popular aqui na região, tanto em São Mateus como em outras cidades, foi intensa. As coisas não aconteceram aqui de forma fácil, foi resultado de muita luta da população.

Felizmente, Dom Aldo sempre foi uma figura respeitada e seguida, e teve um papel proeminente nesse processo. Há muitas histórias e é muito interessante.

Ah sim , ainda sobre os nossos cursos, eles tinham entradas, tá certo?

Intervalados.

Um ano entrava à tarde, um ano entrava à noite.

Pra quê?

Para otimizar a presença do professor que se deslocava de Vitória para cá.

As aulas eram sempre de quatro horas.

Então, por exemplo, você vinha ensinar cálculo aqui.

Você começava, sei lá, à tarde às uma hora e ia até as cinco.

Eram quatro aulas de cálculo.

Entendeu?

E aí tinha essa turma à tarde e uma turma à noite, porque as entradas sempre foram, tá certo, dessa forma.

Para otimizar a presença do professor.

Então, o professor embarcava aqui, sei lá, 11 horas da noite.

Pra voltar.

Ou, se ele quisesse, ele podia dormir aqui e voltar no dia seguinte.

Até essa logística tinha que...

Até essa logística a gente teve que criar para poder fazer esse, digamos assim, esse melhor aproveitamento da presença do professor aqui em São Mateus.